

ESCOLA DOMINICAL: A DIMENSÃO MISSIONÁRIA DO ENSINO (1)

Bispo João Carlos Lopes

“Não existe fé que não se materializa em algum tipo de educação. Independente do conteúdo de que cada fé se reveste, haverá sempre o desejo e a necessidade de passar adiante os sonhos e as visões de uma determinada comunidade”.(2)

Introdução:

Professores/as e alunos/as da Escola Dominical são parte de uma tradição de milhares de anos. É interessante notar que, na bíblia, cada testamento contém uma passagem fundamental a respeito da responsabilidade do povo de Deus em passar adiante os princípios de sua fé através do ensino.

No Antigo Testamento a passagem é Deuteronômio 6.4-9 onde Israel recebe o mandamento de ensinar às gerações vindouras as palavras da lei de Deus (confira também Deuteronômio 11.19).

No Novo Testamento a passagem é Mateus 28.18-20 onde os discípulos recebem a comissão de fazer novos discípulos de todas as nações batizando e ensinando.

A fé comunicada através do ensino no Antigo Testamento:

O Antigo Testamento reflete a tremenda ênfase que os hebreus colocavam no ensino. Entre os deveres dos sacerdotes, estava o de ensinar aos filhos de Israel, em todas as gerações, os estatutos que Deus havia transmitido a Moisés (Levítico 10.11). Samuel, o grande profeta e sacerdote de Deus, ensinava ao povo *“o caminho bom e direito”* (I Samuel 12.23).

O rei Josafá tendo assumido o trono após a morte de Asa, seu pai, decidiu-se por *“seguir os caminhos do Senhor”* juntamente com toda Israel. Para isso treinou dezesseis *ensinadores* e os enviou a ensinar a lei do Senhor ao povo. Esses *ensinadores* exerceram um ministério docente missionário itinerante, pois *“percorriam todas as cidades de Judá, e ensinavam ao povo”* (II Crônicas 17.1-9). Essa ação estratégica causou efeito sobre *“todos os reinos das terras que estavam ao redor de Judá”* de tal forma que os outros povos se encheram do temor de Deus e deixaram Josafá em paz, evitando guerrear contra ele.

O cuidado em ensinar as novas gerações era, sem dúvida, uma realidade na história do povo de Israel (Isaias 54.13). Mas no Antigo Testamento (AT) o significado do ensino ultrapassava o simples conceito de comunicação de um conjunto de conhecimentos. Na verdade, a docência no AT significava o caminho pelo qual Deus conduzia o seu povo.

As maravilhas realizadas pelo Senhor deveriam ser recordadas e suas bênçãos cantadas a cada geração (Salmo 78). Essa recordação não era um mero exercício intelectual, mas uma dramatização na qual a geração mais jovem participava daqueles fatos.

A intenção era que enquanto a história estivesse sendo relatada o jovem israelita pudesse sentir-se como que cruzando o mar vermelho com o povo, acampando no deserto, recebendo a lei, entrando no pacto da aliança com Deus, sendo introduzido na terra prometida.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



A instrução acontecia no culto, tanto comunitário como familiar. Essas cerimônias suscitavam explicações e estas levavam à confissão e à esperança (Dt 6.20-25). A intenção era fortalecer a fé e renovar a vida.

Na época de Jesus esse ensino dinâmico e vital havia progressivamente dado lugar ao legalismo, se transformando num emaranhado de conceitos a serem cumpridos mecanicamente, tornando-se pesados para as pessoas. Aí estava a essência do conflito entre Jesus e os escribas e fariseus (Mt 23)

Para Jesus (aquele que ensinava com autoridade *“e não como os escribas”*) o ensino era a ilustração do comportamento de Deus em relação aos seres humanos. Assim, em Jesus a ação de Deus era, ao mesmo tempo, a vida de Deus, a doutrina de Deus e o ensino de Deus.

A instrução no AT. tinha a intenção de ensinar as novas gerações a temer ao Senhor, mas tinha também a intenção de testemunhar aos “estrangeiros” que viviam no meio do povo (Dt 31.9-13).

Ensino e expansão – As sinagogas:

No período intertestamentário, a sinagoga (surgida no exílio) transformou-se em um instrumento de expansão missionária para o Judaísmo. Esses centros de ensino eram freqüentados por judeus e prosélitos (gentios totalmente convertidos ao Judaísmo), mas aí também eram acolhidos e doutrinados os chamados “tementes a Deus” (simpatizantes da fé Judaica que, entretanto, não estavam dispostos a se submeter, entre outras coisas, ao rito da circuncisão).

Não é de se estranhar, então que Paulo – conhecido como o apóstolo aos gentios – sempre que chegava a uma nova cidade, procurava uma sinagoga para comunicar seus ensinamentos. Seu alvo era muito mais os prosélitos e os “tementes a Deus” do que os Judeus ali presentes.

Uma vez conquistada a atenção de seus ouvintes Paulo aparentemente seguia uma mesma metodologia: relembra a expectativa profética do A.T. a respeito de um Messias que haveria de vir e comparava essa expectativa com os eventos históricos da vida de Jesus, buscando convencer seus ouvintes que Jesus era o Cristo.

O ensino presente no ministério de Jesus:

Em seu ministério Jesus usou o ensino para comunicar a verdade. João Batista era considerado um pregador enquanto Jesus era mais reconhecido como um Mestre.

Nicodemos disse: “eu sei que tu és um mestre vindo de Deus...” (João 3.6). Na narrativa bíblica Jesus é chamado de “Rabi” mais do que qualquer outro título. Seus seguidores são chamados de “discípulos” (aprendizes). De fato, nos quatro evangelhos Jesus é mencionado como mestre 89 vezes e como pregador apenas 12 vezes.

A própria natureza da missão de Jesus como o Messias exigia que ele ensinasse as coisas concernentes ao Reino de Deus. Sem esses ensinamentos, o Evangelho teria sido mal entendido e a missão de Jesus teria sido frustrada. Depois de operar um milagre ou tratar com um indivíduo, Jesus sempre se dirigia aos discípulos e os ensinava.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



O ensino presente na “Grande Comissão”

Jesus ordenou aos seus discípulos que fizessem outros discípulos ensinando. Alguns comentaristas do texto de Mateus 28.18-20 insistem que dos quatro verbos presentes na “Grande Comissão” o único que estaria no imperativo seria o verbo “fazer”. Os demais estariam no gerúndio. Assim, a tradução mais aceitável seria: “Indo, portanto, fazei discípulos de todas as nações (...) batizando (...) ensinando...”.⁽³⁾

A ordem é “fazer discípulos” e a maneira de realizar essa tarefa é batizando e ensinando, isto é: integração (batismo como acolhimento na comunidade) e formação (ensino).

A conversão e o batismo não são o final do processo; pelo contrário, são apenas o início. Ao batismo (integração) deve seguir-se um programa contínuo de ensino.

Evangelismo que não integra e orienta não é evangelismo do N.T. nem do movimento wesleyano.

O ensino presente na expansão da Igreja Primitiva:

As raízes da Educação Cristã estendem pelos períodos do Antigo e Novo Testamento e continua se estendendo na expansão da Igreja Primitiva que fez da docência um instrumento essencial do cumprimento de sua missão (Atos 2; 9.31; 20.28).

Em consonância com a Grande Comissão a Igreja do N.T. tornou-se uma comunidade de ensino-aprendizado. Os apóstolos foram obedientes à ordem de levar adiante os ensinamentos de Jesus. Eles ensinaram em todos os lugares, usando toda ocasião possível. A propagação rápida do Cristianismo foi um resultado direto de evangelismo e ensino.

Na medida em que a igreja crescia e ganhava mais gentios do que judeus, a instrução mostrava-se essencial para a assimilação dos novos convertidos no novo modo de vida que Jesus ensinara, já que os gentios desconheciam os princípios doutrinários que norteavam a fé que abraçavam. Paulo e Barnabé, por exemplo, gastaram muito tempo ensinando em Antioquia (Atos 11.26 e 15.35). Paulo ensinou em Coríntios um ano e meio (Atos 18.11) e gastou seus últimos anos em Roma “*ensinando as coisas referentes ao Senhor Jesus*” (Atos 28.31).

É digno de nota o fato de que Paulo, o primeiro missionário enviado pela igreja primitiva era um mestre. Aos presbíteros da igreja de Éfeso ele afirmou “(...) nada, que útil seja, deixei de vos anunciar, e ensinar publicamente e de casa em casa”. (Atos 20.20). Paulo esperava que seu ensino fosse acatado e colocado em prática pelas comunidades por onde passava (I Co 2.13; Col 1.28-29; II Tess 2.15; ITm 4.6-11).

Pelo final do primeiro século, o cristianismo havia crescido tão rapidamente que os novos convertidos e seus filhos precisavam de uma instrução mais sistemática da fé.

As escavações de muitas igrejas primitivas indicam que havia salas de aula em suas construções. Documentos indicam que nos primeiros séculos, durante o rápido crescimento da igreja, o ensino era freqüentemente ministrado por leigos e leigas.⁽⁴⁾

Com o envolvimento ativo de leigos e leigas cristãos/ãs, a fé continuou a se espalhar rapidamente. A educação cristã de crianças e adultos continuou sendo um instrumento significativo tanto para instrução quanto para incorporação de novos crentes à igreja.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



Conclusão:

A tarefa de ensinar está implícita na própria essência da Igreja. Não é um apêndice e nem mesmo uma questão de procedimento ou método.

De acordo com Thomas Groome, “a finalidade última do ministério da Igreja é o Reino de Deus”.⁽⁵⁾ A Igreja não é o Reino, mas é “sinal” e “trabalha em prol” do Reino. Seus valores e ideais, seus padrões morais, seu estilo de vida, devem ser sinal do Reino.

No ensino ministrado por Jesus na montanha (Mateus 5 a 7), temos uma descrição da prática do Reino de Deus na vida cotidiana. Nessa prática o Reino é sinalizado entre as pessoas. O objetivo do ensino cristão é formar cidadãos/ãs do Reino. É, portanto, a formação do caráter “à imagem de Cristo” e a transformação conseqüente da sociedade.

Logo após iniciar seu ensino na montanha com as bem-aventuranças (Mateus 5.1-12) Jesus, de maneira contundente e enfática, disse aos discípulos: “*vós sois o sal da terra (...) vós sois a luz do mundo*” (5.13-14). Inseridos no mundo, os discípulos de Jesus deveriam manifestar os valores do reino (justiça, paz, reconciliação, esperança, etc.) confrontando os valores passageiros desse mundo. Através do ensino a Igreja prepara os discípulos de Jesus para essa missão. Assim, o ministério de ensino da Igreja tem como finalidade última a promoção e o testemunho do Reino.

A conversão é a aceitação de uma nova natureza, modificadora da vida e orientada para Deus e para o próximo. Após a conversão, o relacionamento com Deus e com o próximo envolve um processo de crescimento e amadurecimento que John Wesley chamou de santificação. O alvo é a santidade. Não é um processo automático. Precisa ser cultivado. Aí reside a necessidade fundamental da Educação Cristã.

A descoberta do sacerdócio universal leva o crente a compreender que sua vida é para ser compartilhada. Ajudar o novo convertido a entender como compartilhar é função da Educação Cristã. O conceito do Sacerdócio Universal envolve o direito das pessoas de apropriar-se da mensagem de perdão proclamada no evangelho e a responsabilidade de testemunhar essa mensagem a outros. É responsabilidade da Educação Cristã equipá-lo/a (Efésios 4).

Karl Barth dizia que a natureza das Escrituras e o caráter da fé e da missão delegada por Deus à Igreja fazem com que a Igreja ensine, na medida em que proclama, o Evangelho. Barth chega a sugerir que “a Igreja ordene ou estruture sua vida como uma escola. A comunidade crê, atua, fala e ensina. Não pode haver divisão superficial entre o prático (ação, ensino e testemunho) e o teórico (crenças e doutrinas)”.⁽⁶⁾

Foi exatamente isso que a Igreja em Jerusalém fez. Tendo ouvido a Grande Comissão – esse desafio gigantesco e inadiável – os apóstolos passaram a ensinar “no templo e de casa em casa” todos os dias (Atos 5.42). A missão e a razão de ser da Igreja é evangelizar, enquanto o ensino é um elemento essencial dessa ação evangelizadora.

Respondendo a um professor que duvidava de sua própria capacidade de ensinar, Santo Agostinho (354-430) escreve que o ensino cristão é, antes de tudo, um serviço ao próximo. Seu principal argumento foi: “não se pode prestar melhor serviço a uma pessoa do que conduzi-la à fé em Cristo; em conseqüência, nada há mais agradável a Deus do que ensinar a doutrina cristã”.⁽⁷⁾

Escola Dominical feita pra mim e pra você



BIBLIOGRAFIA UTILIZADA E INDICADA (Básica)

STRECK.D. *“Educação e Fé: um Diálogo entre Teologia e Pedagogia”* em Reflexões no Caminho 6, Cebeq, 1995.

SISEMORE.J. *Fundamentos da Educação Religiosa*, JUERP, Rio de Janeiro, 1978.

COPE.H.. *The Evolution of the Sunday School*. Boston, Pilgrim Press,

BARTH.K. *Church Dogmatics*, 1956, Vol IV.

BONINO.J.M.. *El Ministerio Docente de Lá Iglesia en La Perspectiva Histórica in Cuadernos Teológicos*, Tomo XI, no.3, 1962, Ed. La Aurora.

NOTAS

1-Material apresentado no primeiro congresso nacional de escola dominical em 2001.

2- Danilo Streck “Educação e Fé: um Diálogo entre Teologia e Pedagogia” em Reflexões no Caminho 6, Cebeq, 1995, p.9.

3- Sisemore, John, Fundamentos da Educação Religiosa, JUERP, Rio de Janeiro, 1978, p.20.

4- Henri Cope “The Evolution of the Sunday School”, Boston, Pilgrim Press, p. 25.

5- Em seu livro, *“Educação Religiosa Cristã”*, traduzido por Alcione Soares Ferreira (Ed Paulinas, 1985), Groome define o Reino de Deus como sua soberania, sua autoridade, seu “reinado”. Diz Groome: “o Reino de Deus é sua intenção para a criação (...) é o domínio de Cristo” (p.89).

6- Barth, K., Church Dogmatics, 1956, Vol IV, cap.2, p.194.

7- Bonino, José Migue “El Ministerio Docente de Lá Iglesia en La Perspectiva Histórica” in Cuadernos Teológicos, Tomo XI, no.3, 1962, p.161, Ed. La Aurora.

Escola Dominical feita pra mim e pra você

